

Índios Tapeba sobrevivem em situação difícil

A poluição do rio Ceará é um dos maiores tormentos para os habitantes da tribo

Cid Barbosa

Oitenta e quatro famílias muito especiais habitam às margens do Rio Ceará. São os Tapeba. Homens, mulheres e crianças que, apesar das dificuldades, esforçam-se para manter suas tradições. Ali, "programa de índio" não tem nada a ver com desânimo: é dançar o Toré e pedir a proteção de Tupã.

Como toda comunidade, os Tapeba enfrentam mazelas do mundo moderno. A poluição no Rio Ceará, segundo a índia Mocinha - Pajé da tribo e mulher do cacique - é a maior dessas mazelas e o pior inimigo dos índios. Com ela, surgem os problemas no trabalho, na saúde, no dia-a-dia.

"Com o rio poluído, aparecem doenças como gripes e 'cansaço' nas crianças. Nós vivemos encheirados. Só poluição e doença", revela Mocinha. "Vivíamos da coleta do caranguejo. Agora, os caranguejos são poucos e pequenos. Mesmo conseguindo pegar alguns, é difícil vender. Pois, sabendo que o rio está poluído, as pessoas resistem em comprar", conta ela.

Há 20 anos, o trabalho dos índios era a agricultura. Plantavam e colhiam o alimento diário. "A vida do índio era maravilhosa. Nossa sobrevivência era fácil, pois a água era limpa. Agora, os peixes acabaram e a vida está mais cansada", diz Alberto, cacique da tribo.

Para driblar os problemas enfrentados na coleta do caranguejo, os índios têm como alternativa o artesanato, característica marcante e cheia de curiosidades. Os colares, feitos com sementes, madeira, e até penas de gavião, são o exemplo maior dessa arte.

Eles têm embutido o seu significado: cada semente empregada na confecção traz consigo uma utilidade. O toren, por exemplo, é indicado para problemas renais. Há ainda o cajazeiro, cuja fruta é feito o

suco, e o xixá, que é a castanha.

SAÚDE E EDUCAÇÃO - Sobre saúde, o cacique informa que os índios contam com um posto médico, onde atendem duas profissionais de Medicina.

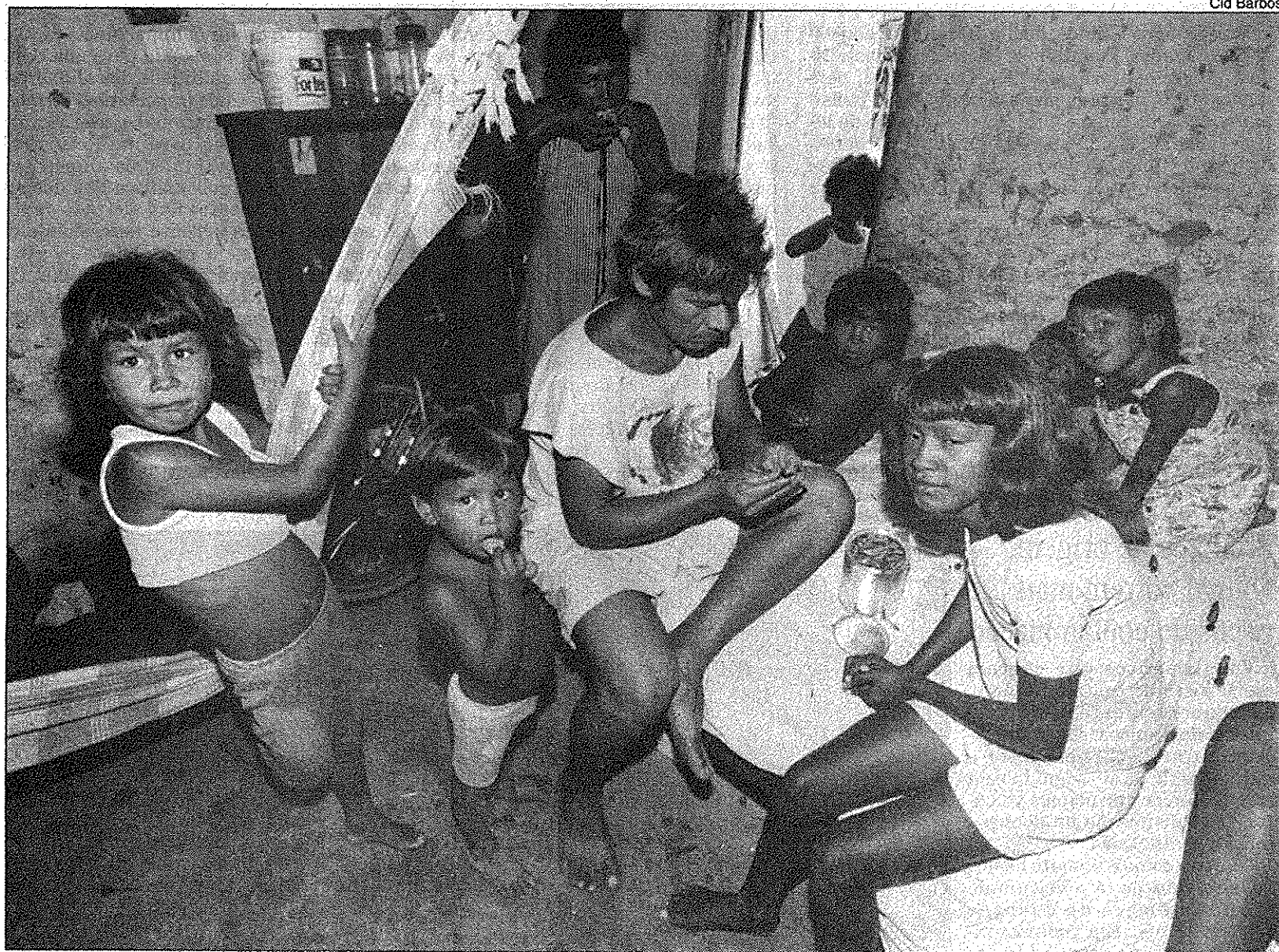
No local trabalham ainda quatro índios como zeladores, quatro como vigias e duas médicas. "Somos bem servidos nesta parte de saúde. Estamos bem amparados", garante. No entanto, ele se queixa quando o assunto é educação e lamenta a falta de escola e a má remuneração dos professores.

"Em questão de educação, a situação aqui é fraca", analisa. "Temos uma escolinha comunitária, onde as crianças estudam. Mas, veja bem. Faltam salários bons para os professores, assim como para muitos profissionais".

HIERARQUIA - Há 16 anos, Alberto mantém o cocar de cacique, liderança que herdou do pai, Vítor. O cacique, líder maior da tribo, é um posto vitalício e, na maioria das vezes, hereditário. "Para ser cacique, o primeiro requisito é ser puramente índio", explica Alberto. Como todo governante, ele precisa estar a par de todos os acontecimentos da tribo, saber os problemas, as dificuldades e as necessidades do povo que lidera. "Se o cacique morre e tem um filho, este será o novo líder. Se for uma filha, ela é quem será a cacique. No caso de ele não ter filhos, é escolhido um outro índio para comandar".

Na hierarquia indígena não existe machismo. A mulher pode ocupar o posto máximo de cacique e é vista com muito respeito pelos companheiros. Conforme o cacique Alberto, o homem índio ajuda na arrumação da casa e no trato com os filhos. "A gente tem que auxiliar a mulher nesses afazeres. Ignorante é quem não ajuda".

Mesmo tendo seu governante



Os índios Tapeba passam por uma profunda descaracterização cultural e já não se diferem em quase nada dos moradores de áreas urbanas miseráveis

vitalício, o Tapeba do final do século se informa sobre a quantas anda a vida dos brancos, discutindo política e atualidades. Só para se ter uma idéia, existem na tribo 1400 eleitores. "Sempre formamos discussões entre nós de assuntos interessantes, como a questão da terra e a política. Esses debates são feitos juntamente com a Pastoral Indigenista, da Arquidiocese de Fortaleza", conta o

cacique. **TRADIÇÃO** - Alberto tem dez filhos - frutos de seus dois casamentos - e 24 netos. Todos moram na tribo. Ele tenta passar para os familiares a importância de se manter a cultura e os costumes indígenas, mesmo habitando terras tão próximas do homem branco.

Tupã e Marília são os protetores dos índios, segundo a tradição. Marília é o pai de Tupã,

que protege a todos. Os índios cultivam esses conhecimentos, mas também já aderem à religião do branco. De acordo com Alberto, grande parte dos Tapeba abraça o Catolicismo. Vão à missa periodicamente, confessam-se e rezam como os brancos. Outros adotaram o Protestantismo.

Ele não. Prefere manter a tradição indígena e, quando quer desabafar, revela que procura o abrigo das árvores. "Elas são como templos. Igrejas onde nos sentimos bem. É para elas eu conto meus pecados e falo das minhas dores".

A dança do Toré é o ritual dos Tapeba mais difundido entre os brancos. Constitui-se de uma dança, praticada por eles em ocasiões especiais. "O Toré fala dos astros, dos pássaros e das plantas", explica o cacique. A

dança é praticada em momentos como a comemoração de vitórias e o recebimentos de ajuda.

Além do Toré, eles cultivam uma outra tradição. É bem curiosa e o que denominam de "dote". Trata-se do faro do índio, como explica Mocinha. "Todo índio fareja que nem cachorro", diz ela. "Por exemplo, se eu sair de casa sem avisar, o Alberto me encontra. Só pelo faro".

Dentro do contexto de costumes e religião, existem na tribo duas mulheres que recebem a denominação de Pajé: São Mocinha e a índia Raimunda. As duas são rezadeiras, consideradas uma espécie de orientadoras psicológicas da tribo. "É um dom da natureza, que já veio com elas desde o nascimento", comenta o cacique.

Igreja não costuma aceitar nomes indígenas para batismo

Anauran, Aritana, Terena, Canecui. Nomes que podem parecer estranhos para os que habitam a zona urbana, fazem parte da cultura indígena. Mocinha, mulher do cacique, revela que hoje em dia é difícil batizar na igreja crianças com nomes assim. "Muitas vezes, o padre não aceita", diz.

Assim como os nomes de pessoas, as denominações de objetos, plantas e lugares trazem a particularidade do falar indígena. São traços do Tupi-guarani, dialeto que os índios adotavam quando do descobrimento do Brasil. Cacique, por exemplo, nome que denomina o líder da tribo, é uma fruta sil-

vestre, uma espécie de coco encontrado na mata.

Algumas palavras empregadas pelos índios já são bem conhecidas dos brancos. Aqui, em Fortaleza, por exemplo, há um bairro denominado "casa de pedra". É a Itaoca. No interior do Estado também há exemplos do Tupi-guarani. Como Itapajé, que quer dizer "Pajé de pedra".

Confira mais alguns exemplos de palavras adotadas pelos índios: Tucum é como se chama a roupa, vestuário feito com palha de carnaúba. Crianças são curumins, sacarrá é o ato de ensacar café e burduna é uma arma típica.

Casamentos com brancos são aceitos pelo cacique

Entre as 84 famílias que formam a tribo dos Tapeba, existem pessoas que não índios. Elas se uniram a índios e constituíram lares na tribo, adotando a rotina de vida dos indígenas. O cacique Alberto revela que são poucos os "brancos" que moram ali. "Mesmo porque, nossa família, formada por 84 lares, é pequena", justifica.

Ele explica que, entre esses poucos brancos que residem na tribo, todos vivem no local porque formaram famílias com índios. Impedir uma união entre um índio e uma mulher branca (ou vice-versa), afirma Alberto, seria um crime. "Eu seria um criminoso se tentasse barrar um amor entre duas pessoas, só porque suas raças são diferentes".

A presença dessa miscigenação pode ser vista, literalmente, nos olhos das crianças. Como os da pequena Valdiane,

de dois anos. Filha de mãe índia e pai branco, ela tem os cabelos pretos e lisos como os irmãos da tribo, mas a face é adornada com um lindo par de olhos azuis. Um toque de particularidade, criado pela alquimia própria da natureza na mistura das raças.

Um outro exemplo desse amor miscigenado é o que uniu Isa e José Marcos há 20 anos. Ela é índia Tapeba. Ele, branco agricultor vindo da cidade de Pentecostes. "Ele tinha 12 anos e eu, 14", conta Isa, hoje com 34 anos e mãe de nove filhos.

Mas o romance dos dois não foi um mar de rosas no início. "Meus pais não queriam que eu ficasse com Marcos, por ele não ser índio. Apanhei muito por causa disso. Fugimos. Casamos e depois retornamos à aldeia", relembra a índia. "Vivo bem aqui e sou muito feliz", define Marcos.